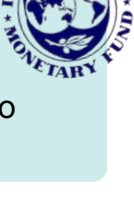


# JUNHO É O MÊS EM QUE O BRASIL APARECE EM DUAS POSIÇÕES OPOSTAS AO MESMO TEMPO.

**Essas duas realidades convivem no mesmo mês,**

**De um lado,** o país voltou a integrar o grupo das dez maiores economias do mundo



**Do outro,** perdeu acesso a um dos seus principais compradores de carne e frango



e é justamente esse tipo de contradição que define o cenário econômico de 2026: **nada acontece isolado**, e quem olha só uma manchete perde a leitura do conjunto.

## Um Brasil que cresce mais do que o esperado

O primeiro trimestre trouxe um dado que poucos analistas projetavam:

**O PIB brasileiro avançou 1,1%**

colocando o país entre as seis economias que mais cresceram no mundo no período, atrás apenas de Hong Kong, Taiwan, Dinamarca, Coreia do Sul e China. Com isso, o Brasil ultrapassou o Canadá e retornou ao grupo das dez maiores economias do planeta, com um PIB estimado em US\$ 2,6 trilhões.

Esse tipo de número **não é apenas estatística**.

Tamanho de economia em dólares é um dos primeiros filtros que capital internacional usa para decidir onde alocar. Some-se a isso um real que figura entre as moedas de melhor desempenho global no ano, e o resultado é um Brasil que aparece, pela primeira vez em algum tempo, **como destino relativamente atrativo num mundo que continua instável**.

**Mas crescer não significa estar imune.**  
E é aí que entra a segunda metade dessa história.

## A porta que está se fechando na Europa

Na mesma janela de tempo em que o Brasil comemorava o retorno ao top 10, a União Europeia oficializou o **veto às exportações brasileiras de carne bovina, frango, pescado e mel**.

A decisão foi de natureza regulatória: o bloco entendeu que o país não comprovou cumprimento integral das suas exigências sanitárias sobre o uso de determinados antimicrobianos na produção animal.

O número por trás disso é relevante:

**CERCA DE US\$ 1,8 BILHÃO**

em exportações anuais que precisarão encontrar outro destino

**O bloqueio passa a valer a partir de setembro.** O governo tem até essa data para apresentar as garantias técnicas exigidas.

**Se conseguir** 

o impacto desaparece quase por completo.

**Se não conseguir** 

o efeito chega ao câmbio, à inflação de alimentos e à percepção internacional sobre a capacidade regulatória do país

Esse movimento não acontece isolado. As exportações brasileiras para os Estados Unidos já vinham em queda nos meses anteriores, pressionadas por tarifas comerciais americanas. Some duas frentes de exportação sob pressão simultânea, e fica claro por que diversificação de mercados compradores deixou de ser apenas discussão de economista e passou a ser, também, uma discussão de quem pensa **estrutura patrimonial de longo prazo**.

## A decisão que vai pesar no custo do dinheiro pelo resto do ano

Em junho, o Comitê de Política Monetária se reúne num momento particularmente delicado. **A Selic está em 14,25%** ao ano, depois de dois cortes consecutivos que vinham acontecendo num ritmo relativamente previsível. Mas, diferente das reuniões anteriores, o Banco Central decidiu não sinalizar absolutamente nada sobre o próximo passo. A justificativa oficial fala em manter "serenidade e cautela" diante de um cenário externo marcado por incerteza geopolítica.

Essa ausência de sinalização tem peso prático.

Historicamente, o mercado brasileiro reage melhor quando sabe o que esperar. Sem essa bússola, o custo do crédito permanece elevado por mais tempo, o apetite por risco fica mais comedido e o intervalo de tempo em que ainda é possível travar boas taxas em renda fixa de médio e longo prazo se torna uma variável incerta.

**Para quem pensa patrimônio com horizonte de anos**, e não de dias, o ponto central não é qual vai ser o número exato definido neste mês. É entender que o ciclo de queda de juros

que parecia certo até abril agora depende de fatores que estão fora do controle doméstico: o desfecho das tensões no Oriente Médio, o comportamento da inflação importada e a velocidade com que o governo resolve a pendência com a Europa.



## Bitcoin: o ciclo institucional continua, mesmo com o preço andando de lado

Enquanto o noticiário brasileiro girava em torno de Copom, Europa e Copa, o mercado de Bitcoin seguiu um movimento mais silencioso, mas estruturalmente relevante.

Os ETFs de Bitcoin à vista nos Estados Unidos acumularam **bilhões de dólares em entradas líquidas** ao longo do ano, segundo dados da SoSoValue, mesmo com o ativo sendo negociado bem abaixo do pico histórico registrado em outubro de 2025.



O dado que chama atenção não é o preço, **é a composição de quem está comprando**. A participação institucional dentro dos ETFs de Bitcoin saltou de 24% para 38% em quatro trimestres. Bancos como Goldman Sachs, Morgan Stanley e Bank of America abriram canais formais de exposição ao ativo para seus clientes em 2026. A BlackRock, através do seu fundo IBIT, sozinha administra mais de US\$ 55 bilhões em ativos ligados ao Bitcoin.



Outro sinal de maturidade veio da CME, a maior bolsa de derivativos do mundo: o volume médio diário de futuros de Bitcoin **cresceu 38%** no primeiro trimestre, e a bolsa lançou contratos futuros de volatilidade do próprio Bitcoin, um tipo de instrumento até então reservado a ativos tradicionais como petróleo e índices de ações. Na mesma linha, a BlackRock lança neste mês um novo ETF que usa a volatilidade do Bitcoin como fonte de renda para investidores institucionais.

**O que esses movimentos mostram em conjunto é:**

**Uma transição de comportamento.**

Bitcoin deixou de ser tratado, pelo menos pelas grandes instituições financeiras, como aposta especulativa isolada,



e passou a ser incorporado como uma **classe de ativo com infraestrutura própria de negociação, gestão de risco e produtos derivados**.

\*Isso não elimina a volatilidade do ativo, que continua sendo uma das suas características centrais, mas ajuda a explicar por que o tema continua presente em todo debate financeiro sério, independente do humor de curto prazo do preço.

Para quem acompanha esse mercado, o ponto de atenção não deveria ser tentar adivinhar o próximo movimento de preço. Deveria ser entender **a velocidade com que a infraestrutura institucional em torno do ativo está se consolidando**, porque é essa infraestrutura, mais do que qualquer notícia isolada, que define se um ativo amadurece ou continua sendo apenas especulação.

## O mês em que o mundo inteiro vai estar olhando para o futebol, a economia vai sentir

Junho também é o mês em que começa a **Copa do Mundo de 2026**, sediada nos Estados Unidos, Canadá e México. Segundo estimativas do banco suíço UBS, o torneio deve adicionar **US\$ 41 bilhões** ao PIB global ao longo das seis semanas de competição, somando turismo, consumo, mídia e tecnologia em uma escala que poucos eventos no mundo conseguem reproduzir.

**Para o Brasil, o efeito vai além do entretenimento.**

Historicamente, bons resultados da seleção em campo costumam elevar a confiança do consumidor doméstico e aquecer o varejo durante o período do torneio.

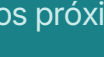
O caminho inverso também é verdadeiro: resultados ruins tendem a esfriar esse mesmo consumo. Não é o fator determinante da economia brasileira, mas é um termômetro de curto prazo que historicamente se mostra mensurável, e que vai estar em pleno funcionamento durante todo o mês.



**Junho de 2026 reúne:**



um Brasil estruturalmente mais relevante no cenário global



uma porta comercial se fechando na Europa



um Banco Central que perdeu temporariamente a capacidade de sinalizar seus próprios próximos passos



um mercado de Bitcoin amadurecendo institucionalmente em ritmo silencioso



e um evento internacional capaz de mover o humor do consumidor por semanas seguidas

Ao longo deste e do próximo mês, no meu **Instagram**, vou continuar acompanhando os desdobramentos dessa decisão de juros, da negociação com a União Europeia, da maturação institucional do Bitcoin e do que tudo isso representa, na prática, para quem tem patrimônio relevante construído no Brasil.